

O ROMANCE-FOLHETIM PORNOGRÁFICO E A MORALIDADE: UMA VISÃO A PARTIR DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO*

THE PORNOGRAPHIC SERIAL NOVEL AND MORALITY: A PERSPECTIVE FROM CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS

Bianca do Carmo Pereira Brito

Mestre em Estudos da Linguagem.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0536837940481312>.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4517-4667>.

Email: bianca.carmo@ufrpe.br

Natanael Duarte de Azevedo

Doutor em Letras.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1598344003069716>.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1435-2923>.

Email: natanael.azevedo@ufrpe.br

Resumo: A presente pesquisa em torno do romance-folhetim pornográfico vem se consolidando como uma retomada da historiografia da literatura brasileira, a partir da circulação de romances em jornais. Nosso trabalho se insere nesse contexto de revisão dessa historiografia e, especificamente neste artigo, tem como objetivo principal analisar a moralidade em torno de textos pornográficos por meio da análise crítica do discurso. Nesse sentido, nos valem dos aportes teóricos de Fairclough (2001) para compreensão do discurso presente no romance-folhetim. Vale ressaltar, que uma investigação que se propõe a compreender um discurso de uma dada época precisa ser cuidadosa para não cair nas armadilhas do anacronismo. Assim, por entendermos o jornal como um suporte capaz de nos dar pistas sobre o discurso de uma época, precisamos nos colocar no lugar de historiadores que utilizam como objeto de pesquisa a fonte primária. Para tanto, o percurso metodológico seguiu a partir de buscas na Hemeroteca Digital, vinculado à Fundação Biblioteca Nacional (RJ), de jornais digitalizados que compreendem o final do século XIX e o início do século XX, período caracterizado como a Belle Époque brasileira, que tivessem a temática pornográfica em seus textos. Elegemos como corpus o jornal O Rio Nu, por sua longa circulação (1898-1916), fizemos o mapeamento, transcrição e análise do romance-folhetim para compreender o discurso pornográfico da época.

Palavras-chave: História da Literatura e da Leitura. Pornografia e moralidade. Análise Crítica do Discurso. Jornal O Rio Nu. Romance-folhetim pornográfico.

Abstract: The present research on the pornographic serial novel has been consolidating itself as a revisitation of the historiography of Brazilian literature, based on the circulation of novels in newspapers. Our work fits within this context of reexamining that historiography and, specifically in this article, aims to analyze the concept of morality surrounding pornographic texts through the lens of Critical Discourse Analysis. In this sense, we draw on the theoretical contributions of Fairclough (2001) to understand the discourse present in the serial novel. It is worth noting that any investigation aiming to understand the discourse of a given period must be careful not to fall into the traps of anachronism. Therefore, since we understand the newspaper as a medium capable of offering clues about the discourse of a specific time, we must position ourselves as historians who use primary sources as their objects of study. To this end, the methodological approach was based on searches in the Digital Newspaper Library, linked to the National Library Foundation (RJ), focusing on digitized newspapers from the late nineteenth and early twentieth centuries, a period characterized as the Brazilian Belle Époque, that contained pornographic themes in their texts. We selected O Rio Nu as the corpus due to its long circulation (1898–1916), and we carried out the mapping, transcription, and analysis of the serialized novel in order to understand the pornographic discourse of the time.

Keywords: History of Literature and Reading. Pornography and Morality. Critical Discourse Analysis. O Rio Nu Newspaper. Pornographic Serial Novel.

*Essa pesquisa é resultado das investigações feitas no Laboratório de Estudos da Linguagem, Literatura e História (LANGUE), coordenado pelo Prof. Dr. Natanael Duarte de Azevedo (Bolsista de Produtividade/CNPq). Vale destacar que a o trabalho desenvolvido ao longo do Mestrado em Estudos da Linguagem (UFRPE) foi financiado com bolsa de Mestrado da FACEPE, IBPG-2086-8.02/22, vinculado ao Edital 35/2022 - PBPG 2023.1, para desenvolvimento do projeto “(Re)visitando a literatura por meio dos impressos do século XIX e início do século XX”.

Introdução

A Análise Crítica do Discurso surge como uma possibilidade de se estudar as tensões postas no discurso. Seria o colocar em crise o normal, o tido por comum, procurando entender como as relações de poder são construídas e mantidas no discurso. O tema da pornografia, por si só, costuma gerar tensões, porque foge do “normal”, daquilo que é moralmente aceitável.

Lynn Hunt (1999), ao discorrer sobre a origem da pornografia, associa sua prática com a crítica política e religiosa, tendo em vista que os artistas procuravam testar os limites dessas duas principais instituições com suas obras, sejam imagens ou escritas. Esse confronto inicia com as pequenas imagens e histórias de prostitutas, daí o termo “pornografia” (“porno”, prostitutas em grego e “graphô”, escrever, gravar). Com o avanço do gênero, a temática passou a abarcar diversas histórias e tornou-se necessário a distinção entre elas, a depender do nível de licenciosidade. Alexandrian (1993), ao construir o percurso da literatura erótica, define da seguinte forma:

A pornografia é a descrição pura e simples dos prazeres carnaís; o erotismo é essa mesma descrição revalorizada em função de uma idéia do amor ou da vida social. Tudo o que é erótico é necessariamente pornográfico, com alguma coisa a mais. É muito mais importante estabelecer a diferença entre o erótico e o obsceno. Nesse caso, considera-se que o erotismo é tudo o que torna a carne desejável, tudo o que a mostra em seu brilho ou em seu desabrochar, tudo o que desperta uma impressão de saúde, de beleza, de jogo deleitável; enquanto a obscenidade rebaixa a carne, associa a ela a sujeira, as doenças, as brincadeiras escatológicas, as palavras imundas. (Alexandrian, 1993, p. 8)

Essa distinção entre o pornográfico/erótico e o obsceno é interessantíssima para entendermos como caracterizar as produções artísticas, além de proporcionar uma indicação da maneira como aquela obra pode ser lida. Apesar de diversas regiões terem seus históricos voltados para a sexualidade, o entendimento de algo ser ou não pornográfico/erótico ou obsceno advém dos entendimentos de sexualidade do eixo ocidental, destacar essa localização histórico-geográfica da pornografia é significativo para o trato com a Análise Crítica do Discurso.

Destacamos que a literatura pornográfica não foi criada para vir à luz, para ser lida livremente. De acordo com Maingueneau (2010), esse tipo de criação artística possui por finalidade a proibição, sendo apenas tolerada pela sociedade. Segundo o crítico, ela também determina aquilo que é moralmente aceitável e aquilo que não o é, a partir da constituição da sociedade em que circula, ela está à margem, é vista, massivamente consumida, mas não existe “no sentido de que é clandestina, nômade, parasita [...]” (Maingueneau, 2010, p. 24) e, desse modo, a literatura pornográfica pode brincar com os padrões estabelecidos. Vale fazer um destaque aos pressupostos de Maingueneau utilizados em nossa pesquisa, uma vez que o autor dialoga com AD francesa. Para tratar de uma teoria que traga contribuições para os estudos pornográficos é necessário recorrermos a diferentes correntes teóricas e áreas do conhecimento, uma vez que há uma certa dificuldade em desenvolver pesquisas com esta temática no cenário das Letras. Dessa forma, por considerar que as contribuições de Maingueneau são assertivas para nossa análise, optamos por trazer a análise crítica do referido autor.

Sobre essa representação da pornografia na literatura, Azevedo (2017) indica que em nada há comparação entre o amor e o erotismo, uma vez que tais temas eram frequentes nas produções literárias oitocentistas, no entanto não devem ser confundidas. Por mais que a narrativa nos leve para encontros amorosos entre parceiros (e muitas vezes parceiras, pois o ato sexual lésbico era uma tônica também muito presente), os romances pornográficos pertencem a uma outra ordem de apresentar o amor: o foco está na provocação do desejo do leitor(a).

Se por um lado temos o amor por uma perspectiva idealizada – com a caracterização da exaltação da amada casta e frágil –, tema de muitos romances que circularam

e/ou foram produzidos no Brasil Oitocentista, por outro, deparamo-nos com uma grande produção, publicação e divulgação de uma literatura que atendia à demanda dos desejos e das curiosidades sexuais, pela ótica pornográfica, a qual era protagonizada por mulheres exuberantes, sedentas de desejo e instigadoras de prazer no imaginário popular (Azevedo, 2017, p. 355)

Como a moralidade entra no fluxo de embate das demandas dos desejos sexuais, elegemos como *corpus* desse trabalho o romance-folhetim pornográfico *O Buraco*, publicado sob o pseudônimo Bock, que circulou entre os anos de 1899 e 1900, no jornal *O Rio Nu*. Esse periódico é considerado de longa duração, por ter circulado entre os anos de 1898 a 1916, com publicações bissemanais. Apresentava-se como um jornal cáustico, humorístico e que buscava excitar seus leitores por meio de suas histórias e imagens. Segundo Dino Preti (1983), esse tipo de jornal era marcado pela

[...] linguagem dúbia, maliciosa, em que o elemento velado era fruto da exploração da polissemia dos vocábulos, dos jogos de palavra e dos trocadilhos. [...] A matéria interior se distribuía entre pequenas narrativas e versos de motivos libertinos, comentários de fundo crítico-humorístico, capítulos de folhetins, piadas, charadas, mexericos, palpites para o jogo do bicho, notícias teatrais e bastidores, propaganda. (Preti, 1983, p. 13)

O leitor do jornal pornográfico estaria preparado e disposto a compreender todos os significados diferentes postos pelos editores e autores das publicações. Dessa maneira, *O Rio Nu*, assim como os demais jornais da época, serviram ao seu tempo e reproduziram a sociedade em que circulavam. Pensar no período de circulação do romance, que compreende a *Belle Époque* brasileira, é entender que o contexto histórico de nosso recorte diacrônico está envolto às relações político-sociais. Hobsbawm (2020) classifica o grande século XIX até 1914 como o século mais europeu, pois a Europa era o centro original do capitalismo que se espalhava pelo mundo e estabelecia a sociedade burguesa.

O período de circulação de *O Rio Nu* é uma boa representação desse “século europeu”. Esse momento no Brasil é marcado pelo afrancesamento da Capital, Rio de Janeiro, e transposição dos costumes europeus para o Brasil. Tem-se, dessa forma, uma transformação do espaço público, com o “bota abaixo”, transformação no modo de vida, muitas empresas entram em falência e outras surgem gerando uma mudança no *status* de famílias, e transformação da mentalidade, permeada pela mentalidade europeia. A transformação do espaço público, que tinha o objetivo de deixar a capital com ares europeus, demolindo prédios que remetessem à colônia, desalojou diversas famílias pobres e levou à criação das favelas (Del Priore, 2017). Tal procedimento de modificação dos espaços, de acordo com Maia (2018), tem relação com o fato de que

[...] a arquitetura e o espaço contribuem não só para manutenção e/ou transformação da realidade, como também contribuem para a produção de subjetividades, o que implica não só a criação de espaços e corpos dóceis, mas também a criação de espaços e sujeitos dissidentes.” (Maia, 2018, p. 19)

Dessa maneira, o espaço e o corpo se configuram mutuamente, tendo em vista que “é somente nas relações concretas com os corpos que ele [o espaço] ganha sentido” (Maia, 2018, p. 22). Segundo o pesquisador, “a arquitetura e o urbanismo funcionam, portanto, como uma técnica de governo das sociedades” (Maia, 2018, p. 24), assim as modificações do espaço na *Belle Époque* brasileira demonstram uma necessidade por um controle dos corpos e dos espaços, uma busca por uma “medicalização das cidades” (Maia, 2018, p.25).

Sobre os jornais no século XIX, é importante destacar o seu caráter heteróclito e multifacetado, uma vez que a configuração e divisão de gêneros textuais não são bem estabelecidas, ou seja, é necessário fazer a leitura do jornal por completo para construir uma leitura generalizada do perfil

editorial de cada jornal. Ainda é importante perceber que, em relação a presença da literatura:

os jornais se tornaram espaço de “experimento” onde vários gêneros surgiram e se consolidaram, em que várias personalidades publicavam, desde autores já consagrados, como Machado de Assis e José de Alencar, até leitores anônimos que colaboravam a convite dos próprios periódicos. Dessa forma, é perceptível que a imprensa foi fundamental no processo de construção de uma sociedade letrada e literária (Macena; Azevedo, 2024, p. 5)

As produções eram sempre pensando no leitor e na maneira como ele receberia determinado texto (Chartier, 2002), assim edições semanais estavam atentas a todos os acontecimentos que pudessem ter relevância social e política. É relevante destacar que essa representação não postula uma fidelidade, ela é uma dentre muitas outras possibilidades de representação de uma sociedade, tendo em vista que os jornais são “entidades que vão construindo as próprias divisões do mundo social” (Chartier, 2017, p. 7). Essa característica jornalística pode ser lida em Fairclough quando ele afirma que “[...] os elementos do texto podem ser planejados para ser interpretados de diferentes modos, por diferentes leitores ou ouvintes, o que é uma outra fonte de ambivalência antecipatória, intertextual” (Fairclough, 2001, p. 138).

Dessa maneira, procuraremos demonstrar como o romance-folhetim pornográfico traz uma possibilidade de representação da moralidade da sociedade vigente, a partir dos pressupostos da Análise Crítica do Discurso, entendendo como ela é pervertida para fins de crítica ou deleite do leitor da obra. Esse trabalho justifica-se pela necessidade de trazer à tona obras deixadas no esquecimento da historiografia e demonstrar como elas dialogam e trazem representações das sociedades em que foram distribuídas.

Metodologia: os caminhos para pesquisa com jornais oitocentistas

A fim de construir uma história da literatura e da leitura a partir de romances-folhetins que circularam nos jornais brasileiros no período da *Belle Époque* e elaborar um modelo metodológico de análise que leve em consideração a representação, a circulação e a apropriação de romances pornográficos, a partir da ideia de moralidade, nos valem da Análise Crítica do Discurso para auxiliar na investigação qualitativa proposta neste artigo. Assim, foi necessário compreendermos a questão discursivo-ideológica do final do século XIX e início do século XX, uma vez que a *Belle Époque* foi:

marcada pela tentativa de transportar costumes europeus para os principais centros urbanos brasileiros, em especial o Rio de Janeiro, onde seus casarões coloniais e imperiais, tomados pela população menos abastada, foram demolidos, dando espaço para o progresso (Azevedo; Brito, 2021, p. 325)

Em nossa pesquisa, tomamos como fontes documentais o “material da época estudada”, segundo Martins (2005, p. 310), e “objeto” como “resultados de práticas culturais de um tempo e de uma época, que circulavam em determinados suportes e eram produzidos e consumidos por certa comunidade” (Barbosa, 2014, p. 14). Ou seja, nossas fontes documentais são os jornais que circularam no Brasil entre os séculos XIX e XX com temas pornográficos, uma vez que, ao trabalharmos com a História da Literatura, faz-se necessário colocarmos-nos no lugar do historiador que precisa de fontes para construir um momento da história que buscamos resgatar, pois os jornais (como os demais objetos culturais) “revelam sobre as sociedades às quais eles pertencem” (Pinsky, 2005, p. 10).

Ressaltamos que o jornal não é tomado em nossa pesquisa como reprodução fiel da realidade da sociedade brasileira de oitocentos, mas como representação, ou seja, a realidade que é vista pela ótica das suas representações considera a sociedade como realidades de diversos sentidos, uma vez que toma para si a possibilidade de ir do discurso ao fato (Chartier, 2002). Dessa

forma, é pelo discurso que está em volta de uma dada época que o jornal se constitui.

À guisa de uma pesquisa historiográfica da literatura, pensamos em um estudo que se alia à história da leitura, levando em conta o jornal como “bem simbólico” (Bourdieu, 2005), dotado de diversos gêneros textuais e de diversos discursos que circularam no Brasil oitocentista. Esse aspecto da natureza heteróclita do jornal, como aponta Barbosa (2007), é constituído na e pela heterogeneidade e pluralidade dos diversos gêneros que compõem o impresso. A partir dessa premissa, examinaremos as nuances do tema da pornografia, utilizada de forma satírica e alegórica, promovendo toda uma discussão acerca da moralidade na sociedade oitocentista brasileira através de temas políticos e/ou sexuais.

O discurso, a pornografia e a moralidade: embates excitantes

É necessário, antes de discorrer sobre as implicações da Análise Crítica do Discurso (ACD) no romance-folhetim pornográfico, compreender o conceito de discurso nessa perspectiva teórica. O discurso seria, na visão de Fairclough (2001) reflexo da sociedade e também um edificador dela. Dessa maneira, ele refletiria as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crenças de determinada sociedade. Por meio dele, seria possível entender e, ao mesmo tempo, manter e modificar todo um sistema, por sua implicação em orientações econômicas, políticas, culturais e sociais.

Fairclough (2001) ainda orienta que a relação entre o discurso e a estrutura social é dialética. O discurso não surge das mentes das pessoas, ele está fixado em práticas sociais bem determinadas.

[...] a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas. (Fairclough, 2001, p. 93)

O discurso está implicado em todas as orientações da prática social, sejam elas econômicas, políticas, culturais e ideológicas. Por estar implicado em todas elas, ele constitui, naturaliza, mantém e transforma essas práticas. As alterações das práticas só podem ocorrer a partir de lutas articulatórias para uma mudança da ordem do discurso, essas lutas seriam os conflitos estabelecidos entre diferentes domínios de uma dada sociedade e uma nova estruturação para a ordem do discurso poderia acontecer: “Uma consequência da luta articulatória que tenho em mente é que os novos elementos são construídos mediante a redefinição de limites entre os elementos antigos” (Fairclough, 2001, p. 97). Tais lutas articulatórias e práticas discursivas ocorrem por meio de textos.

[...] a prática discursiva manifesta-se em forma linguística, na forma do que referirei como ‘textos’, usando ‘textos’ no sentido amplo de Halliday, linguagem falada e escrita [...]. A prática social (política, ideológica, etc) é uma dimensão do evento discursivo, da mesma forma que o texto. (Fairclough, 2001, p. 99)

É nos textos, como forma particular da prática social e prática discursiva, que a sociedade se apresenta e pode ser modificada. Tal entendimento é importante, pois o sujeito se constitui na linguagem, seu *ethos*, sua maneira de se apresentar para o mundo, ocorre na e pela língua. Para se compreender como uma determinada sociedade se coloca na linguagem é necessária uma abordagem multidisciplinar, que compreenda o discurso como uma constituição do sujeito que possui suas experiências, suas expectativas, que são permeadas por sua localização histórica, geográfica, econômica e política. A escolha de determinada expressão não é neutra em relação às outras, todas podem indicar a natureza de determinado texto. Fairclough, ao discorrer sobre as práticas discursivas, adentra nas possibilidades de interpretação de um texto

[...] há dimensões ‘sociocognitivas’ específicas de produção e interpretação textual, que se centralizam na inter-relação

entre os recursos dos membros, que os participantes do discurso têm interiorizados e trazem consigo para o processamento textual, e o próprio texto. Este é considerado como um conjunto de 'traços' do processo de produção, ou um conjunto de 'pistas' para o processo de interpretação. Tais processo geralmente procedem de maneira não-consciente e automática, o que é um importante fator na determinação de sua eficácia ideológica [...], embora certos aspectos sejam mais facilmente trazidos à consciência do que outros. (Fairclough, 2001, p. 109)

Essas possibilidades de entendimento de um texto são perpassadas pelas convenções sociais de uma dada época, de uma determinada hegemonia de um entendimento de mundo. A partir da concepção de interdiscursividade de Fairclough, é possível enxergar o texto pornográfico enquanto um tensionador das práticas sociais e discursivas pré-estabelecidas, tendo em vista sua constituição enquanto crítico da moralidade da sociedade em que circula. Ele traria elementos das ideologias de um grupo, neste caso, àqueles envolvidos na produção do jornal, que incluem os editores, escritores e leitores, considerando o caráter também dialógico do jornal de fins do século XIX e início do XX. Ideologias seriam

[...] significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou as transformações das relações de dominação. [...] As ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o status de 'senso comum' (Fairclough, 2001, p. 117).

Elas não podem ser "lidas" nos textos, elas surgem por meio das interpretações dos leitores que são interpelados pelas ideologias dominantes em suas vivências, pois "os processos ideológicos pertencem aos discursos como eventos sociais completos" (Fairclough, 2001, p. 119), ou seja, o todo deve ser observado para se encontrar as ideologias que regem um determinado grupo. A própria construção de um jornal pornográfico, sua premissa de existência, pode ser lida como uma defesa ideológica da liberdade de expressão dos seus criadores. A luta, nessa perspectiva, seria contra o pudor e a seriedade exigidos pelos demais periódicos de cunho não humorístico.

Em diversos momentos, em suas páginas, o jornal *O Rio Nu* brinca com os demais periódicos da época com relação a sua seriedade. Um bom exemplo é, ao comentar uma seção da "Gazeta de Notícias", o autor ironiza o pudor proposto pelo jornal:

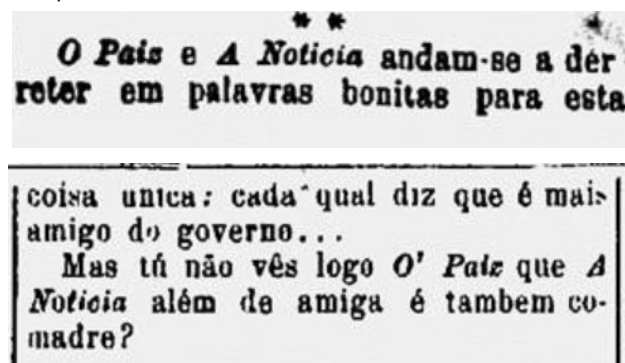
Figura 1. Nota: Jornal *O Rio Nu*

A *Gazeta* tambem iniciou uma secção intitulada *Notas de Fóra*, que logo no primeiro dia explicava como os camponeses da Siberia formem juntos para se esquentarem uns aos outros.
Proh pudor!
Oh! Sra. *Gazeta*! Ponha as notas p'ra dentro !...

Fonte: *O Rio Nu*. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706736&pesq=&pagfis=1627>

Na ironia do Dr. Pacato, pseudônimo que escreve essa “Chroniqueta”, um jornal que se propõe a ser moralista, não poderia tratar de assuntos de “dormir junto para se aquecer”. Se esse conteúdo fosse trazido pelo Rio Nu, já seria lido de uma maneira distinta, mais sexualizada. Em outro momento, o jornal reforça o caráter político de seus concorrentes.

Figura 2. “Chroniqueta”: Jornal *O Rio Nu*



Fonte: *O Rio Nu*. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706736&pesq=&pagfis=597>

A associação desses dois jornais a defesa do atual governo de maneira sarcástica denuncia a posição de *O Rio Nu* como um crítico desses tipos de conexão. Tensionar a defesa dos dois jornais para com o sistema político vigente faz parte da luta ideológica pela liberdade de expressão que, apesar de não estar posta em palavras, pode ser visualizada na composição do jornal.

Ainda seguindo na perspectiva do jornal pornográfico de ser um tensionador das ideologias dominantes, o romance-folhetim que circulava nesse periódico também promovia críticas e reproduções daquela sociedade. Esse gênero literário é conhecido por sua publicação regular, sua temática envolvente e por sua construção baseadas nas opiniões dos leitores, ou seja, se os rumos de determinado romance-folhetim não estivessem agradando o público, ele seria rapidamente modificado para se adequar aos gostos da sociedade. O folhetim era, também, uma maneira do escritor se manter financeiramente e de garantir a fidelidade dos leitores ao normal (Alvim, 2008).

Dado a necessidade de adaptação do romance-folhetim, ele era um grande reproduzidor das ideias da sociedade leitora. No caso de *O Buraco*, de Bock, sua fama inicia pelo autor. João Brito foi um conhecido escritor de “romances para se ler com uma só mão” (El Far, 2014), além disso, teve uma passagem pela política, elegendo-se senador e deputado, e pelo funcionalismo público, na época em que trabalhou nos Correios. Seu romance-folhetim mais conhecido, ainda que não tenha chegado a posteridade no formato livro, foi *A Vingança de um Sapateiro*, também nas páginas de *O Rio Nu*.

Importante trazermos, nesse momento do artigo, uma breve historicização acerca do autor do romance-folhetim *O Buraco*. Carlos Eduardo, Bock, Bier, M. Gregório Jr., Antônio e João Black (Preti, 1983; Schettini, 2020; Peçanha, [s.d.]) eram os pseudônimos que J. Brito, como era conhecido no meio literário, utilizava em seus textos, sejam aqueles vinculados ao *Rio Nu*, sejam os vinculados a outros jornais dos quais ele colaborava. Assim como outros escritores da época, José Brito tinha um emprego formal para sua manutenção financeira. Segundo Schettini (2020), com 20 anos, em 1893, ele já possuía um cargo de “praticante de segunda classe” nos Correios e foi galgando posições até chegar ao cargo de 1º oficial da 3ª seção da mesma instituição, até o ano de sua morte em 1934. José Brito colaborou ativamente em *O Rio Nu* entre os anos de 1898 e 1902. Nesse período, publicou alguns romances pornográficos e dentre eles o objeto de nossa pesquisa: o romance-folhetim *O Buraco*.

No romance-folhetim *O Buraco* acompanhamos um grupo bastante peculiar da sociedade burguesa: uma viúva, Helena, uma mocinha, Olga, o noivo dela, Albino, os pais de Olga, Ambrosio e D. Affonsa, e o padre Faustino. A história começa com um jantar na casa de D. Affonsa, onde o grupo se reunia com frequência.

Logo de início da narrativa, percebe-se que a matriarca não gosta da aproximação que há

entre sua filha e a viúva, dado a posição de cada uma na sociedade. Helena estimulava Olga a desejar viver uma vida sexual livre, com suas histórias e aventuras, muitas retiradas das páginas do jornal *O Rio Nu* e, para a organização social da época, não era aceitável essa interação entre uma moça e uma viúva. Tal desconfiança de D. Affonsa prova-se verdadeira quando Olga conta para ela que está grávida.

Após a descoberta da gravidez, o romance volta no tempo para contar como os personagens se conheceram e se relacionaram. Nesse meio tempo, o periódico *O Rio Nu* e seus editores tornam-se personagens importantes no desenvolvimento da história: aparecem Heitor Quintanilha e João Black como possíveis amantes de Helena. A viúva passa a se relacionar com João e com o padre Faustino, interferindo nas publicações do jornal, enviando poemas, histórias etc. A narrativa termina com Olga espreitando pelo buraco da fechadura João Black e Rosalina, uma conhecida de Helena, tendo relações sexuais e sentindo-se atraída. A menina decide deixar de espiar e vai dormir, sonhando com as sensações que poderia sentir com um homem. O sonho passa a se tornar realidade e ela sente um homem em cima dela, uma figura conhecida, diferente da que está nos seus sonhos e é levada, pela luxúria, a permitir a invasão dele. Quando toma conta de si, os lençóis estão sujos de sangue e sua virgindade maculada. Esse homem é o padre Faustino, seu nome não surge na edição final, porém é possível inferir pelas descrições presentes no romance. E assim descobre-se quem é o pai da criança.

Em uma análise mais detalhada, cada personagem do romance apresenta uma faceta da sociedade oitocentista. Helena, a viúva libertária, que aproveita os prazeres da vida, Olga, a menina sonhadora que é corrompida pela viúva, Albino, o exemplo de homem virtuoso, que não se deixa levar pelas corrupções do mundo, ou melhor, deseja aparentar isso, e o padre Faustino enquanto uma representação dessa perversão geral e hipócrita daquela sociedade.

Nesse romance, há uma organização social que reflete a organização hegemônica, moralista, burguesa, exterior a ele, em consolidação no Brasil nos fins do século XIX. Há a família tradicional: D. Affonsa, Ambrosio e Olga. Onde a mãe é quem toma conta de toda a ordem da casa e o pai é responsável apenas por prover financeiramente e a filha criada para se casar com um “bom rapaz”, ser dona de casa e mãe. Com o intuito de tensionar essa estruturação burguesa, Bock insere os personagens mais afastados desse cenário: a mulher viúva, os jornalistas e um padre imoral.

Conclusão ou considerações finais

A análise da moralidade no romance-folhetim pornográfico, à luz da Análise Crítica do Discurso, permitiu evidenciar como os textos publicados em jornais como *O Rio Nu* não apenas refletiam, mas também tensionavam os valores morais vigentes durante a *Belle Époque* brasileira.

Ao tratar o jornal como suporte discursivo e como fonte histórica primária, foi possível identificar estratégias discursivas que desafiavam as normas sociais da época, ao mesmo tempo em que reafirmavam determinadas estruturas de poder e dominação. Essa abordagem reforça a importância de revisitar a historiografia literária brasileira a partir de um olhar interdisciplinar, que articule literatura, história e linguística crítica.

Importante ressaltar que a pornografia precisa ser vista numa análise literária em sua singularidade, pensando na produção de sentido, pois não há uma forma homogênea de pensar a composição do texto pornográfico. A partir dessa perspectiva, é patente perceber que a pornografia, então, tem o poder de criar distintos modos de produção de sentido (excitação do leitor, crítica social e ou política, ataques religiosos etc.). Isso é perceptível quando observamos que a cada situação de um contexto erótico posta nos livros e nos jornais, devemos compreender qual o significado da pornografia naquele discurso. Nesse sentido, foi crucial observarmos o romance-folhetim *O Buraco* a partir de um discurso da época em que o referido romance foi produzido e entrou em circulação. Por meio da análise crítica do discurso, chegamos a pistas da produção de sentido que só foi perceptível a partir do momento que contextualizamos, o jornal (suporte), a história e o discurso de sua época.

Com isso, contribuímos para a ampliação do entendimento sobre o papel da imprensa na constituição de discursos marginais e na reconfiguração de noções de moralidade em um período marcado por intensas transformações culturais. Por fim, reafirmamos a relevância de

estudos que problematizam o cânone literário tradicional, dando visibilidade a produções textuais frequentemente marginalizadas pelos discursos oficiais da história da literatura.

Referências

ALEXANDRIAN, Sarane. **História da literatura erótica**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ALVIM, Luiza. **Os jornais, o romance e o folhetim**. Rio de Janeiro: Alcar, 2008.

AZEVEDO, Natanael Duarte de; BRITO, Bianca do Carmo Pereira. O jornal pornográfico do século XIX: O flerte entre “A Vingança de um Sapateiro” e o Naturalismo. **Miscelânea: Revista De Literatura E Vida Social**, ed. 29, 2021, p. 321–343. <https://doi.org/10.5016/msc.v29i0.1806>

AZEVEDO, Natanael Duarte de; FERREIRA JÚNIOR, José Temístocles. Diálogos entre história e literatura: a história cultural e a Belle Époque brasileira. **MIGULIM - REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI**, v. 8, 2019, p. 34-52.

AZEVEDO, Natanael Duarte de. Pelo buraco da fechadura: autores e obras da literatura pornográfica luso-brasileiros (1890-1912). **SOLETRAS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN**. ed. 34, 2017, p. 354-377. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/30325/22416>. Acessado em 13/05/2025.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Literatura e periódicos no século XIX: perspectivas históricas e teóricas**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Coleção estudos: 20).

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DEL PIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira**, volume 3: República – Memórias (1889-1950). Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

HUNT, Lynn. **A Invenção da Pornografia: Obscenidade e as Origens da Modernidade**. São Paulo: Hedra, 1999.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de Sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870 1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MACENA, Keyla Patrícia da Silva; AZEVEDO, Natanael Duarte de. Maria Firmina dos Reis na Imprensa do Século XIX. **Revista Investigações**, ed. 37(1), 2024, p. 1-17.

MAIA, Helder Thiago Cordeiro. **Cine(mão): espaços e subjetividades darkroom**. 2018. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira. História da Ciência: objetos, métodos e problemas. In: **Ciência & Educação**. vol. 11, n. 2, 2005, p. 305-317. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n2/10.pdf>. Acessado em 17/05/2025.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PRETI, Dino. **A linguagem proibida**: um estudo sobre a linguagem erótica: baseado no Dicionário moderno de Bock, de 1903. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

SCHETTINI, Cristiana. **Clichês baratos**: Sexo e humor na imprensa ilustrada carioca do início do século XX. São Paulo: Editora da Unicamp, 2020. *E-book*.

Recebido em: 07 de julho de 2025

Aceito em: 09 de agosto de 2025